

Este texto foi concebido como um estudo. No sentido de compreender melhor a geração de personagens, foram consideradas seis pessoas reais, colocadas a responder a questões de ordem genérica, mas profunda, como se de entrevistas se tratassem. Embora as pessoas em causa não tenham sido efetivamente entrevistadas, a colocação das respostas às perguntas por seu intermédio terá ajudado não só a fornecer vários pontos de vista face às mesmas questões, mas também a de mostrar certos traços de personalidade de forma indireta. No processo, concebem-se aproximações a questões essenciais à condição humana, fruto de introspeção misturadas com algum conhecimento da vida das pessoas em causa.

O que é um ser humano?

Pessoa #1

Oh pá, isso... Isso é como perguntar o que é a vida, ou assim. Quase que cabe tudo lá dentro. Porque nós, as pessoas, somos tão diversos... Eu sou um bocado bicho-do-mato, confesso, mas ainda assim já conheci muitas pessoas na minha vida. E todas muito diferentes. Às vezes questiono-me se haverá características fundamentais, imutáveis, no ser humano. Maldade no estado puro, pura bondade, medo, amor, etc. Tento imaginar como poderá alguém encarnar essas características, numa sempre reinventada natureza humana. Fascina-me a crueza das emoções, os extremos. Imaginem, por exemplo, que a lei e a ordem acabavam e que bandos de pessoas desconexas sobreviviam aqui e ali espalhadas pelo território, enquanto o mar e o mato tomavam conta das cidades e vilas, outrora símbolos da civilização. O que poderia acontecer se aqueles que sobravam dos exércitos também tivessem de lutar pela sobrevivência? São este tipo de estados-limite que me interessam, porque penso que aí se manifestam claramente as verdadeiras facetas do ser humano. Sim, porque o que é que realmente mostramos no nosso dia-a-dia? Gestos ritualizados, receitas culturais, até os nossos desejos e sonhos são condicionados pelo que os outros acham, para já não falar na influência dos media e da publicidade. Tudo isso cai por terra em situações-limite, não havendo aí escape à nossa nudez emocional. Ou então imaginem que se encontravam amarrados, com uma pistola apontada à cabeça, empunhada por alguém habituado a matar e que ainda por cima tinha todo o interesse em ver-vos desaparecer do mapa? Exato, não haveria propriamente espaço nem tempo para ir “falar do assunto”, sentados à mesa de um qualquer cafezinho de esquina...

Um ser humano, para mim, é também um organismo que se transcende. Como poderei explicar? Há sítios na nossa mente que raramente, se alguma vez, visitamos. Porquê? Porque estamos sempre ocupados, pré-ocupados, a pensar em qualquer coisa. Porque, na nossa mente, nunca nos calamos. A meditação é precisamente esse processo de “calar” a mente, deixando de ouvir o martelar permanente do ego. É aí, precisamente, que o ser humano consegue aceder a esses grandes átrios pouco ou nada visitados do seu cérebro, e que compõem partes importantes do que significa ser humano. Ouve só a tua respiração, e as portas do teu Eu abrir-se-ão para ti. Mas atenção: nem tudo o que lá encontrarás será bom. A meditação força-te a ouvir, mas não garante que irás gostar do que te é dado a ouvir. A tomada de consciência é, ou pode ser, um processo doloroso. Muita gente passa pela vida sem nunca tomar verdadeira consciência do que se passa lá no fundo, vivendo

uma sobrevida superficial e inconsequente. O ser humano, tal como o vejo, tem esta capacidade soberba de, num exercício de vontade, aceder às suas profundezas a ampliar o seu campo de consciência. Tem, quer dizer, pode. Porque não se trata de um exercício trivial, e muito menos automático. Uma pessoa respira automaticamente, mas tomar consciência da sua respiração requer força de vontade e autodomínio. Outros organismos deste planeta serão cientes, têm uma noção de quem são e da sua posição na teia de relações que os envolve. Mas parece-me que esta capacidade de se olhar a fundo, imersa em silêncio, é exclusiva ao ser humano, pelo menos enquanto o nosso conhecimento se cingir a este planeta. Isso não nos faz melhores ou piores, apenas considero que se trata de uma capacidade natural e necessária à maximização da utilização dos nossos recursos internos, permitindo também ultrapassar traumas que, de outra forma, nos condicionam em todos os dias na nossa vida. E, sem isso, seremos sempre escravos dos nossos condicionalismos: teremos sempre uma comichão que nunca conseguiremos coçar.

Pessoa #2

Acho que uma pessoa conhece-se fazendo. Ou seja, tu saberás quem és já depois de te teres posto a caminho da viagem, com as mangas arregaçadas. Foi a fazer coisas que me fui descobrindo. E a dar muitas marradas e a levar uma série de baldas. Quem era aquele ser humano que jurou a pés juntos que te ajudava, mas depois só ficou um par de semanas antes de te abandonar, sem uma explicação ou um adeus decente? Não é assim tão fácil conhecer as pessoas: foi uma lição que levei vários anos a interiorizar, e que ainda hoje me desafia. Fiz muita coisa na vida, até agora, e acredito que o ser humano é um organismo ativo por natureza. Se há alguma coisa da qual terei medo, não será do trabalho. No trabalho, bem como nas relações, vê-se muita coisa típica dos seres humanos, o que era de esperar. Angústia, medo, insegurança, mas também euforia, empatia e amizade. Recordo, por exemplo, horas e horas a cavar e a tratar da terra na fazenda, sozinha ou acompanhada, trocando raras palavras. Meses, anos de esforço que só não digo terem sido em vão porque me deram esta ligação à terra, sem a qual já não consigo viver e que, suspeito, seja essencial à felicidade de qualquer pessoa sobre este planeta. A venda da fazenda deixou-me de rastos, mas descobri que sou resiliente e adapto-me rapidamente às situações. Não será isso também algo que caracteriza um ser humano?

Uma pessoa precisa de sentir entusiasmo na vida. Senão, poderá realmente dizer-se que está viva? O que quero dizer é que se trata de uma necessidade, uma componente da natureza humana. É claro que há problemas, e claro que há chatices ao longo do percurso. E quando aquele namorado com quem andavas há três anos te diz que já não te ama? Andei a bater mal durante algum tempo, é verdade... Mas onde andaria eu sem o entusiasmo pela vida? Provavelmente, já enterrada. Há coisas para fazer, sonhos para cumprir. Acho que se parar, morro. Agora que falo nisso vejo que, no fundo, qualquer pessoa é assim. Uma amiga minha, por exemplo, queria cantar. Falo-vos neste caso para concretizar, mas acho que isto é generalizável. Ela sempre tinha achado que não conseguia cantar, logo seguiu arquitetura e encarreirou normalmente, como arquiteta, no mercado de trabalho. Um dia disse-lhe que não compreendia a razão pela qual ela achava que não conseguia cantar. Provavelmente num dos momentos mais conscientes da sua vida, ficou só a olhar para mim sem dizer nada. Mas o beijo e o abraço que me deu nesse dia fez-me perceber que algo tinha mudado. Ela não iria, obviamente, largar a arquitetura e deixar de pagar as contas, mas iria, e foi, inscrever-se em aulas de canto. Disse-me mais tarde que

sabia perfeitamente nunca vir a ser uma grande cantora de jazz, mas que a minha pergunta a tinha despedido de mais desculpas, não lhe sobrando outra opção senão dar ouvidos ao chamamento desse entusiasmo. Hoje em dia canta regularmente em clubes. Pequenos, é certo, mas o objetivo dela era apenas cantar, não a de fazer carreira, nem tão-pouco viver da música. Admirei-a muito na altura, e se calhar ainda mais agora. Penso que esta busca permanente é algo muito humano. Vejo isso perfeitamente em mim, sempre à procura de satisfação, navegando através de toda a instabilidade do dia-a-dia. A vida apresenta-se-nos dura, sinto-o claramente, mas o ser humano é teimoso e não desiste facilmente... apesar de algumas pessoas se deixarem cair nessa tentação. Como será o futuro? Não sei... Mas sei que as pessoas são muito criativas. Se não funcionou de uma maneira, irá funcionar de outra. Tenho mesmo a impressão que esta forma de andar pela vida às cabeçadas faz mesmo parte do tecido fundamental do ser humano.

Pessoa #3

O ser humano é um calhau. Às vezes penso que toda a gente é estúpida. Aos gritos no trânsito, a atropelarem-se no trabalho, a transportarem consigo noções idiotas que não lembram ao Diabo. Se não, o que leva uma colega incompetente a abusar de outra, aproveitando-se da sua capacidade de trabalho e necessidade em receber o salário ao fim do mês? Ou uma mulher de uma idade já avançada a acreditar que os traumas que traz de infância são uma doença genética que terá herdado, e que, portanto, o único remédio é tomar comprimidos e esperar que a morte não se demore muito? De facto, fico parva... No entanto, depois, deparo-me com exceções. Pessoas que me desarmam, que acabam por me mostrar algumas das minhas contradições. Sim, as pessoas vivem na contradição e, ao que parece, eu não sou exceção. Porque, apesar de gostar que tudo fosse perfeito, o certo é que todos têm falhas, e estas rebentam-nos na cara de vez em quando. É aí que se dá o abalo na confiança. Será possível uma relação saudável com outro ser humano sem confiança? Por muito que me custe dizer, sei agora que não, mas ainda assim é tão difícil confiar... porque será? Talvez seja porque, efetivamente, há outras pessoas que abusam de nós com facilidade. Se falamos demais é porque estamos a tentar dominar ou conquistar alguma coisa; se falamos de menos é porque somos submissos ou antissociais. Somos presos por ter cão, e presos por não ter. Sinto muito isso, hoje em dia. Como se nunca fôssemos suficientes. Mas alguém consegue ser feliz se lhe estiverem a apontar o dedo constantemente? Infelizmente, e por experiência própria, sei que não, mas mesmo assim acontece muito. Lá está, as contradições do ser humano. Fazemos coisas aos outros que não gostaríamos que nos fizessem e, pior ainda, ensinamo-las aos nossos filhos.

A natureza humana é, no mínimo, complexa. Mas é também uma natureza que ama. Amar afasta o medo, e amar é mais do que a paixão... amar é também conseguir abraçar os defeitos de uma outra pessoa. A vida de alguém, sem amor, torna-se insuportável. Depois tentamos preencher essa falta com outra coisa qualquer... e isso só torna a vida pior. Andamos sempre em falta, numa ânsia impossível de satisfazer. Qualquer pessoa precisa de sentir que é valorizada, que gostam dela só porque sim, só por ser quem é. De ser vista. De sentir que quem é e o que faz trazem alguma diferença a este mundo. Se calhar é da nossa natureza esta procura constante pela relevância.

Provas não tenho, mas observo o que acontece quando o ambiente à nossa volta não permite a satisfação dessa necessidade de relevância. E o amor passa a ser uma coisa condicional, como se andássemos a dar amendoins a macacos, por bom comportamento. Aí as pessoas tornam-se rancorosas, defensivas...ou então tristes. Ou raivosas. Cada um rebela-se como pode contra o que lhe é imposto.

Pessoa #4

Nós herdamos a capacidade de amar. Temos essa habilidade. Temos, portanto, uma amabilidade. Nada neste mundo pode alterar isso. Por outro lado, há por aí muito energúmeno, claro que há. Às vezes até é caso para perguntar onde estará a sua amabilidade... Como se essas pessoas estivessem incapacitadas de aceder ao seu amor. Para mim, as pessoas estão sempre nuas, mesmo que quando cobertas por várias camadas de ideias, preconceitos, hábitos ou simples caprichos. No entanto, lá no fundo, existe sempre alguém frágil, sensível, e capaz de mostrar ternura. Em alguns casos, será preciso escavar particularmente fundo, mas não valerá a pena? Se o objetivo for o de levar um pouco mais de luz até às profundezas, acho que sim. Sinto que sim.

Uma pessoa é também um ser incapaz de se separar do seu corpo. Não percebo quando me falam de corpo e mente como se fossem coisas separadas. E, como essa distinção não é possível, não vejo motivo para ocultar certas partes, e não outras. Ou uma nádega fará menos parte do nosso corpo que a nossa mão? E os nossos sexos, não pertencem também a esse corpo? Se sim, porque os escondemos tanto? Que vergonha há num pénis, ou num par de mamas? Ainda por cima são partes do nosso corpo que queremos ver...temos é medo do que outros possam achar. Como se eles não as tivessem! Enfim, anda tudo à volta deste rame-rame, deste não-ata-nem-desata, todos presos a alguma coisa.

Para mim, só há dois sentimentos humanos: amor e medo. Todas as restantes emoções são variantes ou combinações de variações destes. O amor conduz à aceitação, à libertação, à graça. O medo à vergonha, à restrição e à submissão. Ia dizer que a escolha é nossa, mas isso seria demasiado simplista. O ser humano é mais complexo. Reage de acordo com condicionamentos; há muito em nós que navega no subconsciente. A verdade é que requer esforço. Eu também gostava de amar sempre, e nunca sentir medo. De sempre honrar aquilo em que acredito. Mas, no entanto, vejo como muitas vezes cedo a automatismos, aos chamamentos do meu subconsciente e irrito-me, perdendo a paciência. Obviamente que isso não me ajuda a resolver os meus problemas.

Pessoa #5

Uma pergunta difícil, não há dúvida. Para a qual não há resposta simples, nem única. O que sei, o que sinto, é que há uma grande desconexão entre o que são os nossos instintos e o que nos é permitido fazer, socialmente falando. A cultura condiciona imenso...às vezes sinto-me encurralado. Como se não pudesse ser quem sou. No outro dia, um homem mais velho confessou-me, em lágrimas, que embora ainda se sentisse sexualmente capaz, não o fazia há mais de seis meses. E que não via fim à vista para essa situação. Que a mulher já tinha desistido, muito embora ainda sentisse muito carinho por ele. Imagino como também se deva sentir encurralado. E porquê? Essa é a minha pergunta. Que necessidade há para isto? O sexo é bom, faz-nos sentir vivos. Desejo é felicidade. Mas claro, percebo também que uma pessoa se possa sentir cansada, ou que simplesmente perca a pica por aquela pessoa. O que já não entendo tão bem é esta desistência, e esta falta de abertura. Parece que não há alternativas, como se não houvesse mais pessoas neste mundo. É tão frustrante...

As pessoas não são estanques. E mais: precisam de variedade. Quer dizer: eu gosto de bacalhau com batatas, mas a perspetiva de comer bacalhau com batatas a todas as refeições até ao fim dos meus dias dá-me arrepios. A vocês não? Isto parece ser uma situação típica de dois pesos, duas medidas. O que não suportamos, nem sequer concebemos na gastronomia, achamos normal, e até correto, na nossa vida sexual. O ser humano é repleto de contradições e incoerências. E, pior, não mudamos com facilidade. Andamos à volta de nós próprios, como cães a perseguir a própria cauda.

Pessoa #6

Somos sobreviventes. Sobrevivemos a tudo: terremotos, dilúvios, secas, eras glaciares, alterações climáticas, sei lá o que mais. Apesar de todas as previsões do apocalipse, de grandes guerras e holocaustos, ainda cá estamos. Não sei se é por sermos uma espécie naturalmente resiliente, se particularmente teimosa...estou mais inclinada para esta última hipótese. Desde sempre lutámos contra a adversidade, somos lutadores. Mas também é muito cansativo, confesso. Estar sempre alerta, sempre a ver se não há buracos em qualquer lado. Às vezes penso se é mesmo este o ensinamento que quero passar aos meus miúdos... Eles não são iguais a mim, nem têm de ser. Mas claramente, por vezes, imponho a minha maneira de fazer as coisas, e acabo por mostrar um autoritarismo que no fundo não quero que adotem nas suas vidas. Estão a ver o meu dilema? Porque é que o faço? Sim, pois, a nossa infância...tudo retorna aí, não é? Estranhamente, é fácil uma pessoa esquecer-se que essa idade é a mais crítica na vida deles, e que tudo o que lhes acontecer agora vai condicionar o resto das suas vidas. É normalmente aí que me apercebo como somos moldados pelos sentimentos. E então vou lá abraçá-los e cobri-los de beijos, como se não houvesse amanhã. Se calhar até poderão pensar que sou uma doidinha, mas... invade-me uma sensação de pânico, sabem? Como se eu não lhes mostrasse como os amo, nesse preciso instante, eles fossem crescer frios e insensíveis, e deixassem de me reconhecer como mãe deles. Eu sei que é parvo estar a dizer isto, sabendo o quanto eles precisam de mim... Mas no fundo, acabo por perceber até que ponto dependemos uns dos outros. Dependendo deles tanto quanto eles dependem de mim. De formas diferentes, é certo, mas somos inseparáveis, de alguma maneira. A sério, só de estar a falar disto fico toda emocionada...desculpem.

O que é o trabalho?

Pessoa #1

Trabalho? Isso era agora eu começar a pintar as paredes...o que, por acaso, até gosto de fazer. Mas agora mais a sério. Que poderei dizer? Pode ser por constatar que cada pessoa tem a sua noção do que é trabalho, e de como isso condiciona a forma como cada um está na vida. Olhem os meus pais, por exemplo. Em especial o meu pai. A gente desentendeu-se, lá está, porque ele não aceitou as minhas opções em termos de trabalho...o que equivale a dizer que não aceitou as minhas opções de vida. Essas coisas vão fundo: a prova disso é que não falámos durante anos. E não é por ele ser má pessoa...tem os seus defeitos, claro. E eu sei bem quais são!

Que opções foram essas? Enfim, isso agora não interessa. O que interessa é que ele não aceitou porque as minhas opções não encaixavam na sua visão do mundo. Uma visão mais rígida, mais inflexível em relação ao que tem valor e ao que não tem. Porque acaba por ser isso, não é? O que terá valor? O trabalho que fazemos tem tudo a ver com valor. Eu optei por dedicar a minha vida, o meu esforço e o meu trabalho, aos outros. O que escrevo...é tudo para os outros. São obras efémeras; eu só quero que as pessoas viagem pelas minhas histórias como eu, em noites de insónia.

Pois, o dinheiro...mas se eu trabalhasse por dinheiro, não tinha feito metade das coisas que fiz. Mantenho um perfil modesto, e sou muito poupado. Acredito realmente que se estivermos disponíveis para ajudar, e fizermos o que gostamos neste mundo, nada de muito mau nos pode acontecer. E, se acontecer, vamos estar à altura do acontecimento, com serenidade.

Pessoa #2

Lembro-me de pedir duas sandes de peixe espada ao balcão, a caminho da Quinta, aviar tudo com uma cerveja e ir cavar seis ou sete horas seguidas. Acreditam que sinto falta desses dias?... É que, depois de quase dez anos, em que fiz praticamente um pouco de tudo, sinto que, de certa forma, só estou a trabalhar se estiver a mexer o corpo. Não recuso o trabalho intelectual, note-se, e sei ser importante o estabelecimento de contactos e a comunicação entre pessoas, mas não me sinto verdadeiramente a trabalhar se for isso em exclusivo. E eu adoro comunicar...fiz televisão, dei formação, gosto de explicar às pessoas as minhas ideias. Tenho este lado didático. Mas o trabalho é, muitas vezes, tão ingrato. Quer dizer, não é o trabalho em si; são as pessoas à volta, e suas ações nas relações laborais...tudo isso é que às vezes é difícil de engolir. Porque há muito abuso, muito oportunismo, e no meio das infundáveis discussões à volta de dinheiro, uma pessoa apaixonada pelo trabalho e pelas ideias acaba por se desmotivar, não é?

Nunca tive, nem tenho, desejo de enriquecer. Dêem-me meio hectare de terra e uma ligação à internet, que fico bem. Por outro lado, esta cabeça não para. Nem vos consigo contar a quantidade de ideias que já tive, e que não consegui concretizar. Não deveria ser assim, pois não? Na era da informação, da internet, do co-works, etc., não faz sentido haver tantos obstáculos...e depois dói particularmente quando vês pessoas cheias de dinheiro a espatifar tudo em ideias tontas que não funcionam, ou que não trazem nada de novo. Sei do que falo, pois trabalhei para uma. E constato também que a experiência e a excelência são, muitas vezes, desprezadas. Como se te dissessem: ok, sabes isso tudo...e então? E então, quero usar os meus conhecimentos e energia vital em alguma coisa que faça sentido para mim, sem ter de andar sempre a contar os tostões. Sinceramente, acho que não é pedir muito.

Pessoa #3

O que mais me chateia no trabalho são as pessoas. Estranho, não? Deveria ser “o que mais me chateia no trabalho, é o trabalho”...mas não. Um dia, uma pessoa avisada disse-me que sempre ia encontrar energúmenos no local de trabalho. Onde quer que fosse. Ao princípio, custou-me a acreditar. Enfim, tinha aquela expectativa de que iria encontrar um sítio, como hei de dizer?...Perfeito. Sim, há um lado de mim que ainda não deixou de procurar essa perfeição, mas começo a ver que não dá. Que o mundo não é, nem tem de ser, como eu o imagino. Mas, definitivamente, há competição a mais. E, é engraçado, numa época em que as mulheres estão num crescendo tão grande de emancipação, é delas que sinto virem as maiores pressões e os maiores stresses, associados à competição e a sentimentos de posse. Com os homens, em geral, tenho tido sempre boas relações profissionais: são cordiais, respeitadores...lá está, salvo raras exceções. Os energúmenos que tenho encontrado, no trabalho, têm sido na maioria mulheres. Porque será? Talvez seja porque os homens estão a tentar sair de séculos de domínio e exploração, como se, inconscientemente, estivessem a tentar redimir-se de toda a prepotência, fanatismo e machismo do passado. As mulheres, por outro lado, andam fulas e ansiosas por vingar num mundo que, até agora, tem sido muito dominado por homens. Assim, acabam cometendo alguns dos mesmos erros. Claro que é não é assim com todas. Eu, por exemplo, tenho muito mais tendência para ficar quieta no meu canto, em vez de atirar-me para a frente e dizer algo, ou pôr-me em frente de alguém. Estou a aprender que a assertividade é importante no local de trabalho, e não só; o problema é distinguir isso de agressividade, algo no qual pode facilmente descambar. Mas para mim, definitivamente, trabalhar é um desafio diário, estando muito para além do dinheiro ao fim do mês. Está sempre a exigir de mim psicologicamente, e obriga-me constantemente a colocar questões como “Será que me estão a pagar o justo por isto?”, “O que é que eu queria mesmo estar a fazer?”, “Estarei a integrar-me bem na equipa?”, ou mesmo “O que é que esperam de mim, e como é que eu lido com isso?”

Pessoa #4

Houve alturas na minha vida em que me perguntei: Porquê? Porquê esta sofreguidão toda pelo trabalho, estas deslocações e horários malucos? Seria mesmo preciso uma pessoa sacrificar tanto tempo com a família e amigos, só por causa do trabalho? Um dia, um dos meus filhos perguntou-me: Pai, porque é que tens de ir trabalhar para longe? Eu pensava que sabia a resposta e, confiante nas minhas certezas de adulto, estava prestes a responder-lhe: porque tem de ser, é a vida, cada um tem de fazer o que é preciso para pagar as contas. Porque é preciso, e pronto. Mas assim que abri a boca, senti uma pontada nas entranhas: era tudo mentira. Era lavagem cerebral, e eu estava prestes a passar essa cassete para o meu filho. A verdade é que a forma como as coisas se organizam nesta sociedade, neste momento, não funcionam a nosso favor. Do comum dos mortais. Poderá funcionar para os ricos, para magnatas que, digamos, fazem as suas próprias leis, mas o cidadão comum está à mercê de uma série de regras arbitrárias que, a menos que cumpridas, o deixarão pobre, desamparado, incapaz de providenciar para si e para a sua família. E, mesmo cumprindo essas regras, não tenho a certeza... Não devia ser preciso eu ir trabalhar para longe da minha família; trabalho útil e importante é o que não falta, onde quer que se esteja. O problema é que esse trabalho não é pago, ou é tão mal pago que não dá para as despesas. Mas como explicar isto a um filho? Como explicar-lhe que somos condicionados, qual prisioneiros num colete de forças, a aceitar condições que de outra forma seriam inaceitáveis, só porque precisamos do rendimento para cumprir com as nossas obrigações, e para proporcionar aos nossos filhos a qualidade de vida que lhes queremos dar? É que este conhecimento, embora importante, não me traz conforto: sei demasiado bem que o tempo em que não estou com eles não vai voltar, e que isso vai moldar-lhes a personalidade. É tudo o que eu não quero, a acontecer à minha frente, sem conseguir fazer nada para o contrariar. Uma sensação exasperante. Mas ainda alimento, enfim, a ideia remota de poder voltar para casa, para junto deles, e trabalhar em alguma coisa que faça sentido para mim, e isso não ser um problema. Acho que todos mereceremos essa paz de espírito.

Pessoa #5

O trabalho, acho eu, deveria ser, acima de tudo, algo que fazemos por gozo. Sim, eu sei, dito assim parece chocante. Mas o facto é que eu, estando a trabalhar e a gostar do que estou a fazer, mal dou pelas horas passarem. E às vezes preciso de ser interrompido, a minha família que o diga...Mas isso nem chega a ser um problema, pois tenho a certeza que, com uma ajudinha, conseguirei vir a fazer um horário normal. O problema acontece quando os clientes abusam desta minha dedicação, e começam a exigir coisas impossíveis de concretizar. Aí, admito, custa-me distinguir as situações, e conseguir traçar a linha que separa o aceitável do inaceitável, acabando, muitas vezes, por colocar demasiado peso sobre mim próprio. É então, normalmente, que as coisas começam a descambar. Eu sei, parece que pela aparente normalidade com que falo disto, neste momento, me seria mais fácil lidar com a situação. Mas no calor do momento não é tão fácil, e vou sistematicamente dizendo que sim. Um amigo meu já me disse que eu tinha um problema...porque não tinha dores de cabeça. Na altura ri-me, e não liguei muito à coisa, mas agora vejo melhor o que ele queria dizer. O facto é que vou aguentando, e alimentando esta forma de trabalhar, às vezes à custa de mim próprio e da minha família. E nem o trabalho fica bem feito. Gosto de trabalhar, mas é para ficar bem feito. É como diz o outro: rápido, bonito e barato...escolha dois. No meu caso, tenho imensa dificuldade em entregar um trabalho que não seja bonito, leia-se, bem feito. E rápido, só se for com noitadas. Mas, depois, o dinheiro não paga as horas que não dormi, os momentos de prazer que não tive, e a atenção que não dei à minha família e amigos. Começo, portanto, a chegar à conclusão que no trabalho há que saber dizer que não. Porque, também vou percebendo, há urgências e urgências: se eu não entregar o trabalho amanhã, há apenas uma pessoa, algures, que fica chateada ou apenas incomodada por não ter recebido uma imagem bonita no prazo impossível que exigiu. Não é como se alguém fosse morrer, ou o prédio cair, ou o incêndio lavrar o que resta da floresta. Há que saber relativizar.

Pessoa #6

Isto pode parecer uma loucura, mas se não fosse o trabalho, eu não saberia exatamente o que faria na vida. Claro, sou mãe e tudo isso, mas também há limites para o tempo que uma pessoa passa a cuidar deles e, no reverso da medalha, para o tempo que eles aguentam a chata da mãe a cuidar deles. Eu fazia coisas antes: lia, fazia teatro, liderava pessoas... agora, pareço uma barata tonta, entre o trabalho, a casa, os filhos, contas para pagar, etc. O trabalho é fixe quando realmente o queremos fazer. Quando se torna apenas uma coisa que temos de fazer para conseguir manter um nível de vida aceitável...isso já é preocupante. Sim, acho que toda a gente deveria trabalhar. Trabalhar em qualquer coisa de útil, em algo de importante. Ficar só por aí pelos cantos, a pensar na morte da bezerra, também não é vida, a meu ver. Mas, ainda assim, trabalhar por obrigação, vendo bem as coisas, não faz muito sentido. Também quero que os meus filhos cresçam e trabalhem, que façam contribuições válidas e que conquistem a sua independência. Agora que penso nisso, pergunto-me se às vezes não tentarei demasiado. Como explicar? Ao mesmo tempo que quero muito que eles consigam lidar com as adversidades desta vida e aprendam a tratar de si, poderei estar a inculcar-lhes demasiada competitividade. Porque sinto-os a resistir a isso. A questão que fica, efetivamente, por responder, é se precisamos realmente de tanta competição no mundo do trabalho... Uma parte de mim diz-me que não, e vejo isso através dos meus miúdos, em certos momentos. Outra parte mostra-me que é inevitável. Haverá uma competição saudável e outra, ou outras, que só prejudicam? Bom, é continuar a trabalhar nisso...

O que é a sociedade?

Pessoa #1

Essa é outra daquelas generalíssimas...tipo: o que é o Universo? Mas vale a pena tentar responder. A sociedade é uma cadeia. Literalmente, em ambos os sentidos da palavra. Cadeia, como numa rede de ligações, uma cadeia de elementos, indissociáveis e interdependentes. E cadeia, uma espécie de prisão à qual não conseguimos escapar... acho que nunca tinha pensado nesta questão de uma forma tão objetiva. Mas sim, tem de ser uma estrutura, um emaranhado de relações já que, sem relações, consegue perceber que tem braços e pernas, mas não consegue constituir uma identidade. Isto dando uma de psicólogo autodidata. Por outro lado, sim, também uma prisão. Porque há um lado de nós muito nosso, muito pessoal: como se costuma dizer, "pessoal e intransmissível". E isso, às vezes, é complicado partilhar. E das outras pessoas aceitarem. Pode dar uma sensação de clausura, como se a pessoa só pudesse ser ela própria na sua solitária. A sociedade puxa-nos num sentido, para te ajustares e conformares, por um lado. Por outro lado, empurra-te no sentido oposto, rejeitando o que não aceita em ti. Gera-se uma tensão permanente. Sempre existi sob esta pressão, pelo que por esta altura estou completamente ambientado. A sociedade é um lugar privilegiado: olha-se para um lado e vê-se o núcleo social, com as suas normas, hábitos e cultura; olha-se para o outro lado e observa-se um espaço social bem mais vazio, esparsamente povoado, mas pleno de possibilidades. Naturalmente, eu herdo características de ambos estes mundos. Será que isso me faz ainda mais estranho aos olhos dos outros ou, por outro lado, mais integrado? Para um ser humano, a sociedade é envolvente. Como já tinha dito antes, eu sou mais para o lado do bicho do mato, mas ainda assim não escapo. Não no geral. No particular faço o que posso, tentando estar apenas com as pessoas com quem efetivamente me identifico, fugindo às normas que não têm, para mim, significado. Como qualquer pessoa, eu quero pertencer. Mas não de qualquer maneira.

Pessoa #2

A sociedade obriga-nos a fazer uma série de coisas que preferíamos não fazer. Trabalhar é uma delas. Mas calma, eu explico. Eu quero trabalhar; tenho trabalhado muito ao longo da minha vida. Só não quero que me venham dizer como é que hei de trabalhar, e em quê. É que isto é uma violência. A sociedade dita o que vale e o que não vale, e depois é só conseguirmos fazer o que a sociedade ditou. Mesmo que não gostemos... não é violento? Sim, ok, ainda assim há imensas coisas que se podem fazer, mas depois há o “economicamente viável”, o que rende e o que não rende. Mas, lá está, voltamos ao tema do trabalho. É inevitável, ou será que não? Sociedade e trabalho. São duas coisas tão ligadas como a unha e a carne. Eu percebo que esta ligação exista, e faz sentido: as coisas não aparecem feitas, como se por um milagre. Se eu não for ali plantar as cenouras, elas não crescem, logo não as como. Se não for ao mar pescar aquela dourada, ela não me vai saltar para o prato. É preciso trabalho para ter as coisas. A Natureza é abundante, mas viver dá trabalho. Agora, não poderá ser essa relação mais fluída? Teremos nós de ser tão castigados por simplesmente fazermos o que gostamos? Não faz sentido para mim porque, se eu gosto do que faço, mais alguém vai gostar... ou será assumir demasiado? A sociedade, apesar de tudo, ainda é muito restritiva. Condiciona o trabalho, a maneira de estar, a maneira de falar, de vestir... praticamente tudo à volta de uma pessoa. Eu sei que as coisas têm mudado muito no meu tempo de vida, mas, ainda assim, sinto que não precisava de ser assim. Os criadores deveriam poder criar, os agricultores deveriam poder cultivar, os engenheiros deveriam poder fazer as suas contas, e ninguém deveria ser obrigado a desistir só porque a sua atividade não tem clientes suficientes, ou gera vendas suficientes, ou não atrai público suficiente. Porque não é justo! As pessoas que gostam e precisam do que lhes estamos a oferecer não têm culpa que outros não gostem ou não se interessem... e não deveriam ser privadas disso. É a ditadura da maioria. Sonho com uma sociedade mais livre, mais relaxada em relação ao que cada um faz... desde que daí não venha mal ao mundo.

Pessoa #3

Desde miúda que ouço constantemente: “isso não é normal”, “não sejas anormal”, palestras sobre o que normal e não é, etc. De facto, esta coisa da normalidade às vezes parece mesmo uma loucura! Eu...às vezes não sei quem sou. Se sou esta pessoa que quer ser normal, que quer pertencer e conformar-se com uma certa norma; se sou uma outra que se põe à margem, que não se identifica com uma certa ideia de normalidade. É, de facto, um conflito permanente. Eu quero dar-me com as pessoas. Só não sei, às vezes, o que posso ou não posso fazer, o que é ou não é esperado de mim. Por outro lado, também não queria estar sempre com a cabeça ocupada, a tentar perceber. O meu namorado uma vez disse-me: “Se eu fosse normal, tu não gostavas de mim”. Numa primeira reação, fiquei indignada. Nem sei bem porquê. Porque... Talvez porque tenha pensado que ele não tinha legitimidade para me estar a dizer do quê ou de quem eu deveria gostar. Mas ele manteve aquela ideia, e o assunto acabou por passar. Agora que penso novamente no assunto, ele, de facto, é o contrário de tudo o que eu achava que deveria ser, o “normal”, lá está...de tudo o que eu poderia dizer que era “bonito”, ou “bem”. Como se a sociedade me tivesse ensinado a rejeitá-lo, mas a minha rebeldia se sentisse atraída pelo seu inconformismo, e por aquele “estou-me nas tintas” para as convenções. Eu sei que quero ser livre; quero poder dançar quando me apetecer, simplesmente despir-me de todos os preconceitos e, por uma vez, fazer o que realmente me apetece. Porque sou apenas eu, não é suposto magoar ninguém e, no fundo, sei que esta vergonha constitui um obstáculo em mim. Porque razão tenho eu vergonha de ser quem sou? Tenho de largar esta noção de que vou ser expulsa da humanidade, se não me conformar com certos comportamentos. É que detesto que me apontem o dedo... Mas, serei eu que estou mal? Algo em mim diz-me que não devia ser assim. A propósito, ainda ontem ouvi na televisão um rapaz a dizer algo como: ser diferente é ok, mas só quando é algo construtivo; ser diferente só por ser não tem nexos. Gostei mesmo de ouvir isso. E de ver a atitude dele, tão em paz com a sua diferença. Se ele consegue estar ali, descontraído, a falar de quem é e do que sofreu por causa disso, perante toda uma sociedade, eu também devo ser capaz de me assumir e deixar de pensar que um punhado de outras pessoas me vão criticar ou abandonar só por ser quem sou. E, se criticarem ou me deixarem, é porque se calhar não são as pessoas com quem eu deva estar.

Pessoa #4

A sociedade é muito mais do que simplesmente uma amálgama de pessoas. Aliás, não há sociedade...há sociedades. Ou então pode falar-se em níveis de sociedade. Porque também vai variando o tipo de relação que cada um tem, ou promove, com as pessoas à sua volta. Naturalmente que não me comporto de uma mesma forma perante a minha família e os meus colegas de trabalho, por exemplo. Ou com amigos, mais ou menos íntimos. E, portanto, o ambiente social nestes vários meios é diferente. Isto dito assim pode parecer muito óbvio, mas ajuda a pôr as coisas em perspetiva quando, por exemplo, alguém diz “A sociedade é assim”, ou “as pessoas são assado”. As pessoas são conforme o ambiente social em que estão inseridas. Mas, voltando àquela questão da nudez – que já devem ter percebido que é importante para mim – obviamente que eu não me dispo em qualquer lado. Eu gostava, lá está, mas percebo o ambiente social em que estou inserido, pelo que só o faço, na prática, em situações particulares: quando estou sozinho, ou na companhia de pessoas que também o fazem, ou não o fazem, mas são tolerantes. Tenho uma regra interna: em caso de dúvida, há roupa que não sai. Porque, para mim, viver em sociedade significa respeitar. Claro que gostava que as coisas mudassem, e que as pessoas aceitassem mostrar o seu corpo, com toda a naturalidade. Mas percebo que tudo leva o seu tempo, e que só vale a pena mudar um comportamento quando há à-vontade suficiente para tal. Considero tão errado tentar impor aos outros algo em que acredito – neste caso a nudez, livre e descomprometida – como ser alvo de uma restrição total e de perseguição, só por fazer algo condenado pela maioria, em situações particulares. Não sou contra as regras. Concordo com algumas. Sem regras, a sociedade desfazia-se. No entanto, há algumas das quais não precisamos, porque nos restringem e limitam a nossa capacidade de expressão. Essas serão realmente escusadas, até porque geram mais sofrimento do que aquele que supostamente pretendem evitar. Acho que vivemos num momento da história da humanidade em que, mais do que inventar novas regras – não pondo em causa a sua eventual necessidade – há que descomplicar e desconstruir o gigante e inflexível edifício das regras sociais que, em muitos casos, constituem barreiras ao nosso desenvolvimento. Pessoal e coletivo.

Pessoa #5

Admito não ter pensado muito nesse assunto, mas, se pudesse resumir a sociedade numa só palavra, diria: confusão. Mas não me interpretem mal: para mim, a confusão pode ser chata, por um lado, mas também pode ser gira, interessante até. Nunca fui uma pessoa muito organizada, portanto um pouquinho de caos até me faz bem. Da confusão podem surgir oportunidades, criações, coisas inesperadas, mas por outro lado, claro, também aumenta consideravelmente o potencial para a discussão, discórdia e atropelos vários. Também não serei a pessoa mais política, mas as implicações parecem-me óbvias. Da tentativa de organização surge a política, da política vem o estabelecimento de regras. Algumas dessas regras são úteis...outras nem por isso. E sempre foi assim: sempre tudo a mudar. As pessoas...admito que, às vezes, é difícil lidar com elas. Talvez por isso eu goste de trabalhar sozinho. Mas, por outro lado, reconheço que não posso e, pensando bem, não devo fazer tudo eu próprio. Para o bem ou para o mal, estamos agarrados uns aos outros. Desconfio, aliás, de quem diz que tenta fazer tudo sozinho, porque há que ser independente...como se isso fosse um qualquer objetivo sacrossanto. Compro mais este carro para nos podermos movimentar separadamente, vou à consulta no privado por os serviços públicos funcionam mal, ficamos neste resort porque assim ninguém nos chateia. É um bocado isto: vamos tentando isolar-nos uns dos outros, como se efetivamente houvesse algo a ganhar, mas o que conseguimos é ficar mais e mais sozinhos. E é precisamente aí que se desvenda um dos grandes males desta sociedade: o de alguém se sentir sozinho, no meio de um mar de gente. Estranho, não é? E ainda mais estranho fica, quando sabemos que uma das piores coisas que se podem fazer a uma pessoa é isolá-la, metê-la na prisão. O verdadeiro prisioneiro será aquele que cria, ou imagina, os limites da sua própria prisão. Para mim a sociedade, todos nós, deveria criar as condições para que cada um de nós pudesse ser tão livre quanto possível. Porque liberdade total, obviamente, não existe. Há necessidades físicas, somos limitados pela nossa condição fisiológica e mental, e precisamos respeitar a liberdade uns dos outros. O que não precisamos, efetivamente, é de criar mais condições e restrições que limitem o raio de ação de cada um. Sei que este discurso pode parecer muito neoliberal, mas acreditem que nada disto é válido sem o respeito pelo próximo. É por isso que eu nunca conseguiria comportar-me como um capitalista, abusador da capacidade alheia. Quero o bem dos outros tal como o quero para mim mesmo.

Pessoa #6

Que aconteceria se a sociedade fosse diferente? Teria eu sido outra pessoa? O que nos faz sermos nós? Se penso em sociedade, penso numa variedade de coisas...em família, trabalho, economia, política, sei lá, naquilo que as pessoas fazem. Eu acho que nasci artista, uma atriz, saltimbanco a pular pelos arcos iris da vida; terá sido a sociedade que me fez engenheira. Ou seja, que me terá dito “Vê lá, não te metas em aventuras, tu não queres passar necessidades...ainda para mais queres ter filhos”. Note-se que não me estou a queixar da engenharia: há um lado de mim que aprecia organização, estrutura, cálculo. Mas, se dependesse só de mim, certamente que muito seria diferente. Nem sei exatamente como é que aconteceu. De facto, pensando bem, há tanta coisa a condicionar-nos que, a certa altura, damos connosco numa situação sem sabermos como lá fomos parar. Por exemplo, houve tempos em que eu lia. Lia, e lia bastante. Queria estudar teatro, mas não só. Queria conhecer, e aprender. Aprender e conhecer é também sentir. Agora nem tempo arranjo para ler o livro que um amigo meu escreveu. Penso que isso diz muito acerca da minha vida nos dias que correm. E, depois, não é só comigo...acabo por impor esse ritmo a quem está mais próximo de mim. E não devia. Quando me apercebo disso, arrependo-me, mas é uma atração muito forte. A sociedade é como a força da corrente: é muito fácil uma pessoa deixar-se ir, para o bem ou para o mal, eventualmente na direção do redemoinho, do que contrariar essa corrente e, quem sabe, conseguir chegar a uma ilha. Mesmo que apenas na dita ilha se encontre a salvação. Dá-se um fenómeno estranho nas pessoas: quando as coisas correm mal, instala-se uma tendência para a desgraça. Como se não descansassem enquanto não atingirem o fundo do poço. É muito fácil, de facto, dizer mal e apenas constatar as falhas...mais difícil é mudar o comportamento e tentar contrariar essa tendência. No fundo, sei que é preciso coragem para ir contra hábitos instalados. Sei mesmo, porque se há um bom exemplo de uma pessoa na qual se instalaram hábitos, sou eu. Mas estou decidida a reunir a coragem necessária em mim, e tornar-me uma agente de mudança. Tipo, com máscara e capa e tudo... Mas que ao fim do dia lá estará para pôr os dois miúdos na cama.

O que é a vida?

Pessoa #1

Vocês sinceramente... Assim parece que vou ter mesmo de falar no Universo. Foi por aí que comecei, sabem? Queria estudar física, mas a minha vida deu uma volta tão grande ao fim do primeiro ano, que acabei por me desviar completamente desse caminho. Mas é por aí, por esse Universo fora, que a minha cabeça anda a maior parte do tempo. É que foi esse Universo que meu deu vida e que, metafórica e literalmente, me mantém vivo. Sim, porque o que é a vida? Bem sei que foi o que me perguntaram, mas não se encostem aí nesses sofás estofados, que vocês não estão isentos das implicações! Estou convencido que o Universo e a vida são uma e a mesma coisa. Como se esta interdependência da vida não fosse mais que um espelho, uma reprodução dos campos universais. Estou a falar do campo gravítico, eletromagnético, de Higgs... Quão separados pensamos estar da Natureza – ou do Universo – quando as partículas que nos compõem movem-se nestes mesmos campos que permeiam todo o Universo, e determinam as suas leis? Já experimentaram meditar? Bom, obviamente que não vou aqui estender-me muito sobre o assunto, mas é o mais próximo que consigo imaginar da vida no seu estado mais elementar. Como se, por uns instantes, tocássemos em todos os pontos do Universo ao mesmo tempo. Esse Universo que, no fundo, é a nossa própria vida. Provavelmente vão achar que estou a delirar, mas, se é o caso, fiquem sabendo que não me importo minimamente. Quando eu perder esta capacidade de sentir o Universo à minha volta, deve ser porque morri. Não, agora a sério: a nossa consciência tem de ter alguma coisa a ver com o tecido universal. Ok, tudo bem, vocês agora poderiam dizer que a consciência da mosca da fruta em nada se compara à nossa, mas...diminuirá isso a relação entre a sua vida e as leis fundamentais? Não vejo porque razão, já que também a mosca da fruta, mesmo que a um nível mais básico, conhece o seu corpo, tem instinto, procura sobreviver. De uma outra forma, faz a sua parte para dar seguimento a uma tendência evolutiva que tudo permeia neste Universo. Porque vida é evolução, é experimentalismo, é...parece ser causa e consequência das leis naturais. Em todo o caso, garanto-vos que não enlouqueci...muito. É que isto de estar vivo tem muito que se lhe diga.

Pessoa #2

A vida às vezes é inclemente. Dores de corpo, dores de alma, como se fosse um carrasco a oferecer-nos um cardápio de sofrimentos e a dizer-nos “Escolhe a arma com que te vou torturar”. Noutra vezes é generosa e vibrante, irresistível no seu convite à felicidade. Porque não dá para recusar a felicidade, certo? A minha vida é feita destes altos e baixos. Não será a de todos assim? Não tenho definição para a vida. É que não se trata só da minha. Há mais vidas às quais estou ligada. Nem sei bem quantas. A minha família, os meus amigos, claro, esses estão primeiro, mas pensando que esses também têm vidas, que estão ligadas a outras, etc. Será como se todas as pessoas estivessem a viver uma única vida...uma vida conjunta mais complexa do que qualquer um de nós poderá conceber. Para já não falar das outras vidas das quais dependemos, para comer, construir móveis, vestir, etc.

Quando cultivava, às vezes dava por mim a pensar na sorte que realmente temos ao viver nesta Terra. Todos estes organismos, as plantas, os insetos, os pássaros, todos eles fazem qualquer coisa...vivem e, por isso, nós vivemos também. Talvez por esse motivo eu tenha investido tanto na permacultura. Cultura, permanente. Sempre viva. Não deu resultado, se calhar porque esta sociedade ainda não vive segundo os princípios da interdependência. Do conhecimento das causas e dos efeitos, o que é mais complexo do que parece. E será sempre mais complexo do que alguma vez poderemos compreender. Eu sei que, depois de dizer isto, será um contrassenso falar da vida como algo simples. Porque deveria ser simples, não acham? Ou temos assim tantas necessidades? Comer, beber, dormir, fazer amor...O prazer poderá vir de coisas simples, como olhar para uma paisagem natural, ouvir uma música de que se gosta ou apertar a mão de um amigo ou amiga. A vida é complexa, mas não tem de ser complicada. Estarei a fazer sentido? O que eu queria dizer era que não precisamos de complicar. A vida não é dinheiro...nem tão-pouco tudo aquilo que precisamos de fazer para ganhar dinheiro. Dou-vos um exemplo: no outro dia estava a falar com uma miúda de nove anos, que me dizia que as coisas importantes da vida eram muito caras. Pensei para mim própria: eis uma oportunidade de ensinar alguma coisa, de transmitir algo com significado. Sim, porque quantas vezes já dissemos coisas só por dizer, sem acreditar nelas realmente? E é tão estranho depois, quando nos apercebemos que, na verdade, estivemos a perder tempo, e um pouco da nossa sanidade mental. Disse então à miúda que as coisas realmente importantes na vida não se podem comprar. Não são baratas

nem caras...não têm preço. Ela só me ouviu, não respondendo, pelo que é possível que as minhas palavras tenham criado alguma impressão. Espero que sim, mas na eventualidade de não terem causado nenhum efeito, suponho que a vida se irá encarregar disso. De uma forma mais dolorosa, mas vai.

Pessoa #3

Não dou conta desta vida! É só o que me apetece dizer. É tudo ao mesmo tempo: o trabalho, os colegas, os filhos, a casa, os pais, o carro, sei lá...tudo e mais alguma coisa, a minha pobre cabeça não dá para tudo. Eu sei lá o que é a vida... Há quem diga que é uma oportunidade. Uma oportunidade para levar na cabeça! Ok, está bem, também há coisas boas. Há o carinho da minha filha, aquela miúda espetacular...tão espetacular quanto desafiante; há as mãos do meu “fofo”, um homem que parece ter vindo de um universo paralelo e que, não sei bem como nem porquê, ainda está comigo. Suponho que a vida é também aquilo que trazemos connosco para o presente. E, digo-vos: trazemos tanto lixo... montes de roupa suja, que mais ninguém senão nós pode lavar. Às vezes pergunto-me porque há tanta coisa má da qual temos tanta dificuldade em descartar. E que condiciona tudo o que fazemos, como se houvesse alguma necessidade... Sim, se eu pudesse dar uma definição para a vida, seria esta: tudo aquilo que fazemos porque queremos ou achamos que devemos, pelo meio de um lodaçal de montes de outras coisas, boas e más, que nem sabemos que fazemos, ou porque as fazemos. Uma condição humana, de certa forma triste. Por outro lado, a vida é a única possibilidade que temos para nos descobrirmos, certo? Porque se não aprendermos, não evoluímos...ou estarei errada? E não será só conhecermos, a nós individualmente, mas também quem está à nossa volta, à nossa comunidade, humana e não humana. Claro que tudo isto é fácil dizer, porque na prática é muito mais difícil, já que carregamos todo este lixo. Se calhar, um propósito nesta vida será o de ultrapassar esta bagagem que trazemos da infância, tentando proporcionar aos nossos filhos uma vida mais feliz do que aquela que tivemos. Proporcionar-lhes mais oportunidades, pelo menos. E para quem não tem filhos? Bom, é o mesmo: melhorar-se, conhecer-se, conhecer o mundo à sua volta. Depois de irmos, só cá fica o que fizemos e o que transmitimos. O resto perde-se.

Também vejo a vida como beleza. Há coisas más e feias, obviamente, como já disse, mas sinceramente, se não for pelas coisas bonitas não vale a pena viver. Não, não acho que esteja a exagerar. Sou muito sensível à beleza... até posso dizer que preciso de uma certa dose diária, senão fico rabugenta, impaciente e maldisposta, em geral. Quero que a minha vida seja bela, logo também rodeada de coisas e pessoas bonitas. O problema é que, no meio dessa impaciência e rabugice, acabo por não dedicar tempo suficiente à procura da beleza no mundo.

Pessoa #4

Como engenheiro, suponho que deveria saber mais sobre as origens da vida, mas o facto é que não fazia parte da matéria, e eu admito que também não fui procurar muito sobre o assunto. Ouvi dizer, no entanto, que ninguém sabe exatamente como surgiu. Como se fosse algo destinado a sempre desafiar o conhecimento. Não sei exatamente o que é a vida, mas acho que sei a razão para estarmos vivos: para sentir. Para explorar o mais possível a gama das nossas emoções. Acho que é por isso que sou tão viciado em arte. Porque me faz sentir. Faz-me sentir vivo. Enquanto sinto, sei que existo. E as pessoas. Não será surpresa que são as pessoas que mais me movem. Para mim, viver é isso...os bons e os maus momentos, a felicidade e às vezes o sofrimento. Tudo faz parte. Mas atenção: viver, como a maior parte das coisas na vida, salvo a redundância, é uma coisa que se aprende. Sim, ouviram bem: nós, quando nascemos, sabemos estar vivos, mas não sabemos viver. Não sabemos nada da vida. Estamos a aprender o tempo todo. E, mesmo quando já passaram muitos anos e pensamos que já vimos tudo, é certinho que vêm aí mais lições. O meu pai, por exemplo, sempre tão independente, com a mota, com tudo, viu-se de repente sem forças, sem forma de tratar de si próprio. Se isso não ensina a viver, não sei o que o fará. E claro que não foi só ele, foi a família toda; toda a gente teve de se adaptar à nova situação, foi um teste à vida de nós todos. Para mim foi, garantidamente. Ele agora anda melhor, felizmente, mas nunca mais voltou a ser o mesmo. Faz-me lembrar que a vida não anda para trás, que nada, nunca, se repete. E que é preciosa. São situações destas que nos lembram claramente de como a vida é frágil, como tudo pode acabar em pouco tempo. Fazem-nos valorizar as coisas boas. Bem sei que há muitas vidas, esta sobrepopulação é, infelizmente, uma realidade. Ou será esta afinal apenas uma má utilização do planeta, da parte das pessoas que cá vivem? Bom, em todo o caso, o facto de haver muitas vidas não diminui a relevância daquelas que mais próximas estão de nós. Não sei, a mim só me dá vontade de agradecer o facto de estar vivo, de poder sentir-me vivo junto daqueles que mais gosto. Ironicamente, esse foi precisamente um aspeto que a minha vida se encarregou de limitar; se calhar tudo isto não passa de um desígnio universal, que já estava traçado. Exato, às vezes tenho este tipo de dúvidas existenciais...é só que parece, nestas alturas, que não tenho controle sobre os fatores de decisão importantes na minha vida, não sendo chamado a intervir na definição do seu rumo. Eu queria mais desta vida. Porque não consigo obtê-lo? Sei que não vou conseguir definir a vida, mas a vida define-me. Sou o resultado de todo o meu passado e das minhas circunstâncias presentes, boas ou más,

felizes ou infelizes. Os meus pensamentos e ações são condicionados pelas experiências anteriores, pelo que ficou gravado em mim, e pelo que não ficou por ter sido descartado. Sim, o que esquecemos também determina quem somos. Como os silêncios e as pausas numa canção: não estão lá por erro ou distração; fazem parte integrante da composição, ajudam a compor o resultado final. A diferença para a vida é que nunca chegamos a vê-la ou ouvi-la como um todo, numa única peça. Nós somos essa canção, ou esse filme. E dela só saímos morrendo.

Pessoa #5

Para mim, a vida seria perfeita num sítio tropical, rodeado de mulheres bonitas... Sim, a sério: claro que não me importaria de fazer o almoço e limpar a casa, se fosse preciso, mas tirem-me a parte das mulheres bonitas e eu já não consigo chamar a isso vida. Se tenho objetivos na vida, esse é definitivamente um deles: fazer as mulheres felizes. Porque, bem ou mal, é o que sempre fiz. Desde a puberdade até agora. O meu prazer é saber que elas têm prazer. E que maior prazer poderia haver? Como ser humano, não contemplo uma vida sem amor e sem sexo. Ou, pelo menos, sem sexo. Porque tudo corre melhor quando há sexo. Os problemas parecem-nos mais fáceis de resolver, sentimo-nos mais capazes, mais vivos. A questão é que, nas mulheres, a grandeza das preocupações é muitas vezes exagerada, imediatamente afetando o seu apetite sexual. E, obviamente, isso condiciona tudo, pois elas são o motor sexual da humanidade. Os homens estão sempre disponíveis, regra geral. Falo por mim, pelo menos. Mas penso constituir um caso representativo. Bom, naturalmente que a vida é mais do que sexo... embora assim de repente nada me ocorra. Estou no gozo. A vida é liberdade. Aventura. Nunca ouviram dizer “O que é a vida sem aventura?” É o que, infelizmente, acaba por acontecer para muito boa gente: uma sucessão de dias cinzentos e monótonos, gastos a perder tempo a fazer coisas sem significado e, lá está, com pouco ou nenhum sexo. Atenção, falo de liberdade e aventura como uma situação ideal. Não tenho isso na minha vida sempre. Nem nada que se pareça. Mas quando tenho é tão bom... é excitante. Fico com uma tesão... como se tudo fosse possível. E, de facto, há muito mais coisas que se tornam possíveis. É como se a vida se expandisse, e nós com ela, espantados de existir neste mundo colorido e cheio de luz. Até que as sombras nos invadam novamente.

Pessoa #6

Credo...o que é a vida? Sei lá, dêem-me um par de meses, ou assim, para conseguir pensar...é que nem nas férias consigo descansar! Às vezes tenho a sensação de que viver, sabem, viver a minha vida, só acontece lá para as onze da noite, depois do trabalho, da escola dos miúdos, dos banhos, do jantar, da loiça, sei lá...quando já não tenho energia para nada a não ser cair de borco na cama. A minha vida deveria ser, digamos, mais lenta. Tudo deveria ser mais lento. Mas, por outro lado, uma pessoa habitua-se a este ritmo alucinante. É estranho, mas uma pessoa habitua-se a tudo. Mesmo quando não faz sentido. Mesmo quando não sabe exatamente o que está a fazer. Vida é, também, eu fazer amor quando quiser...não quando o rei faz anos. Até porque quando o rei fizer anos, poderá até não me apetecer. Ou estar com o período. Ou ambos. Vida era eu não me preocupar com o período. Ou não me preocupar, ponto. Bom, isso talvez não fosse possível...mas vá, preocupar-me menos. Era eu conseguir partilhar mais as responsabilidades, era não sentir que estou sozinha e achar que tenho de carregar com tudo. Porque já basta o peso das responsabilidades, não era preciso acrescentar a vontade de o carregar. Era, por exemplo, tirar a tarde de quarta-feira, passar a buscar os miúdos e ir com eles para a praia. Assim, só porque sim. Porque é bom. E temos praias fantásticas! Porque há que fazer os filhos felizes, certo? Ou como é suposto esta espécie avançar? Será aos solavancos, como sempre. A errar, a aprender, a errar novamente, a continuar a aprender...parece-me que é por isso que vimos a este mundo completamente a zeros: para poder começar de novo, aprendendo com os nossos erros, mas encaminhados por aqueles que já cá estavam e que fizeram os possíveis para não cometer os erros já cometidos por outros. Se calhar ficaram confusos...então estão como eu!

Mas é isso: a nossa ignorância ultrapassa-nos de maneiras que nem concebemos serem possíveis, e a vida...ora essa é que é a questão! Porque essa é a pergunta que temos de fazer se queremos ter dúvidas. Ou não será essa a pergunta que nos faz pôr tudo em causa?

O que é o sexo?

Pessoa #1

Houve tempos em que eu fornicava quando sentia vontade, e quando podia ser. Sim, claro, quando essas duas condições se verificavam simultaneamente. Porque achava que uma relação era uma espécie de contrato, e que havia direitos e deveres associados, sendo o sexo um deles. Vim mais tarde a perceber que essa noção vinha associada à minha bagagem cultural, e familiar em particular. Porque obrigação temos uma: ser fiel aos nossos princípios. E como um dos meus princípios me diz que devo respeitar os outros, então não há contrato nenhum que possa justificar alguém fazer amor comigo, se não lhe apetecer. Portanto, não há favores sexuais. Até porque sexo quer-se genuíno... aliás, como tudo o resto. Sei bem do que falo, porque já experimentei dos dois, e não têm comparação possível. Aquele que vale a pena vem de uma entrega total, em que a cabeça se esvazia... uh, a de cima, bem entendido. Como se de uma meditação se tratasse: corpo e mente em atenção plena. No sexo, há que manter a mesma abertura de espírito, num estado de alerta sensorial que ultrapassa as fronteiras do nosso próprio corpo, para incluir as de outra pessoa. Talvez daí ser comum a sensação de viajar, sem sair do sítio. Por outro lado, ainda estou a tentar perceber a máxima budista “luz, sem desejo”... porque anular desejos físicos é caso para muita meditação, quem sabe meditação permanente. E não sei se isso fará sentido. Ou o homem iluminado deixa de ser um homem? Não creio que sejam coisas incompatíveis, do tipo ou tens um, ou tens o outro. O sexo, se for feito como deve ser, acalma o espírito, ajuda à sincronização dos corpos, estabiliza a respiração, esvazia a mente de pensamentos. Tudo pré-requisitos para atingir a iluminação. No fundo, acho que sou a favor de “desejos iluminados”.

Pessoa #2

Nem sei bem o que dizer sobre isso. Parece que é mesmo algo que está sempre lá, mas que só por vezes reparamos que existe, e sobre o qual só raramente falamos. Surpreendo-me, aliás, como é que, depois de dizer isto, me disponho a falar de sexo. Se calhar foi por já me terem perguntado o que era a vida, e eu ter tentado, de facto, responder. O primeiro namorado perguntava-me como é que eu queria, se gostava mais assim ou assado. Tenho a impressão de que nunca lhe respondi devidamente. Ria-me, ou mudava de assunto, no fundo desvalorizava a questão. É o que dá ter nascido numa família com uma deficiência crónica em termos de expressar as próprias necessidades. Quando acabámos essa relação, a minha ingenuidade pensou “Pronto, nunca mais dás uma queca”. Ridículo, tendo em conta que nem trinta anos tinha. Obviamente que a minha vontade por sexo não tinha desaparecido...precisava apenas de um móbil, de uma razão forte para vir à superfície. Encontrei-a na quinta, entre o cheiro das flores, dos frutos e do estrume. No rescaldo do trabalho, duro, ainda a libertar suores e toxinas, percorremos todos os cantos e recantos daquela herdade, fornicando como coelhos. Em retrospectiva, e agora que penso nisso, não me lembro de ver os coelhos da minha avó fazerem como nós. Provavelmente era por estarem presos e de saberem, enfim, que a mão branca da minha avó poderia vir a qualquer momento e partir o pescoço a um dos infelizes. Para o guisado dessa noite. Viviam aterrorizados, coitados. Nessa altura, na quinta, fiz tudo quanto havia para fazer, e adorei. Estava num sítio que amava, que cuidava com as minhas próprias mãos, sempre a mil e, quando a paixão me visitou, o meu corpo soube o que fazer. Não pensava em filhos, em família, em nada. O sexo era uma extensão do meu amor por aquela terra e por aquele homem. Nunca fui tão feliz. As coisas mudaram muito desde então. Percebo agora que o sexo, ou a vontade para tal, está muito ligado ao estilo de vida. E, definitivamente, esta vida de cidade, atribulada, stressante e claustrofóbica, não gera boas condições para o ato do amor. Não cria porque, sinceramente, o ser humano não foi feito para isso, para andar a perseguir clientes, competindo desenfreadamente com outras pessoas por dinheiro. A gente quer é paz, sossego, contacto com a natureza...e sexo, claro.

Pessoa #3

Oh pá...nem quero pensar nisso. Nem sei bem onde é que isso se insere nesta fase da minha vida. Mas percebo: a pergunta é mais geral. O que é o sexo? Para mim, é algo que se faz quando se gosta de alguém, e está tudo bem. Ou, pelo menos, se existe a perceção de que está tudo bem. Porque se não estiver, se houver preocupações, incertezas, stresses, fico demasiado ocupada com isso, e não consigo libertar-me. Também não consigo imaginar sexo com uma pessoa que não me atraia fisicamente. Sei lá, um barrigudo, ou um velho... sim, seria incapaz, portanto, de ir para a cama com um velho gordo! Ok, está bem, e toda a gente precisa, e toda a gente quer, mas estou a dizer-vos que não consigo, e tenho esse direito! Outra coisa: é uma coisa de impulso. Abomino a ideia de planear seja o que for relativamente a isto. Como é possível saber se me vai apetecer daqui a umas horas, ou amanhã, ou para a semana?!... Eu quero tudo, e quero agora. Quero velocidade, eletricidade, quero flipar completamente da cabeça. Não quero moleza, ritmos mornos ou pausas... Quero orgasmo, puro e duro. Se calhar é pedir muito, eu sei. Mas estou a ser honesta. Preciso disso para me relaxar, para dormir melhor. Sim, parece contraditório: uma excitação alucinante, para me acalmar. Mas é assim que funciona comigo. Depois do orgasmo, durmo que nem um anjinho. Ia responder em geral, e já estou a particularizar. Talvez seja porque não vejo forma de falar de sexo sem incluir os meus próprios sentimentos. Diversão, inovação e aventura...é do que eu realmente gosto. Gostava. Gostaria, sempre que pudesse. É estranho, olhar para a minha vida e ver que tem tão pouco destes ingredientes. Mas é com isso que sonho acordada, dia após dia. Chamem-me sonhadora. O sexo será como a cereja em cima do bolo, como o coroaamento de uma vida plena, cheia de intenção, determinação e gozo. Às vezes penso que estou a alucinar, mas depois falo com pessoas e percebo que anda tudo mais ou menos ao mesmo. E o sexo é apenas uma parte desse desejo maior de ser feliz. Tão feliz quanto esta vida nos permite. Uma última nota: como mulher, é claro que o sexo também tem a ver com maternidade, filhos e isso. Mas deixem que vos diga: agora que já vivi quase quarenta anos, consigo dizer claramente que mesmo isso, ou isso particularmente, é quanto-baste. Eu tenho uma filha, e sei bem o trabalho que dá. Para além do mais, a última coisa de que eles precisam é de uma mãe stressada, sempre preocupada e sem uma vida própria. Quero cuidar da minha filha, mas também quero aventura. Sinto que ainda tenho muito sexo em mim...e não será para gerar mais filhos.

Pessoa #4

Sou uma pessoa muito sexual. Isso tem sido motivo de alegrias, mas também fonte de tristeza e frustração. Para mim, o sexo não é mero contacto físico, não é só penetração, ou só orgasmo. Sexo é uma ligação em profundidade. É o culminar de tudo o que sentimos por uma pessoa e que nos faz sentir bem. Não consigo contemplar sexo só por si, na ausência de uma ligação emocional, alguma coisa que o justifique. A prova disso, e em respeito à supermulher por quem um dia me apaixonei, é que nunca o fiz senão com ela, desde que estou com ela. E não foi por falta de oportunidades. Poderá soar estranho, mas sou muito mais tolerante com ela, caso ela viesse a precisar de fazer amor com outra pessoa que não eu, do que comigo próprio. Talvez seja porque quero tanto proporcionar-lhe esse prazer que, se não puder, por estar longe, apoio implicitamente que ela o faça independentemente de mim. Acredito que a minha frustração seja a de muitos homens. Por estarem longe das famílias, por não terem de momento uma relação de amor com uma mulher ou por outras circunstâncias igualmente castrantes não poderem canalizar a sua energia sexual. E eu, apesar de tudo, considero-me com sorte. Amo perdidamente uma mulher que, apesar de tudo pelo qual já passámos, ainda me quer, pelo que fazemos amor sempre que nos encontramos. Se assim não fosse, não sei, acho que enlouquecia. Também gostava de distinguir muito bem o sexo da nudez. Sei que falo muito da nudez, e não tanto sobre sexo, e isso tem a ver com o facto de muitas pessoas associarem diretamente, e invariavelmente, a nudez ao sexo, e claro que não é nem tem de ser assim. Uma pessoa pode andar nua o dia inteiro e não lhe apetecer, ou não surgir a oportunidade de fazer amor. Obviamente que, se isso acontecer, em princípio a pessoa despe-se e faz amor. O funcionamento é simples: ter sexo implica estar nu, estar nu não implica ter sexo. Há quem argumente: oh, mas estar nu é explícito, e alicia ou pode sugerir atividade sexual. Ok, entendo isso. Afinal, o ser humano é sensível à sugestão, e em particular ao corpo nu e desimpedido do sexo oposto, ou do sexo que mais atrair. Mas haverá algum problema em haver mais sugestão, e eventualmente mais sexo, em resultado disso? Sinceramente, não creio. Se há uma coisa em défice neste mundo, acelerado e desconexo, é sexo. Até rimei (juro-vos que não fiz de propósito). O sexo liga-nos. E toda a gente quer. A questão é só mesmo como... e com quem.

Pessoa #5

Finalmente, uma pergunta interessante... Não, a sério. Sexo...eu acho que só não penso em sexo quando estou a trabalhar, ou a dormir. E, mesmo a dormir, não sei. Sexo é uma coisa que preenche, não sei bem explicar. É sempre bom, é sempre revigorante. É claro que há vezes melhores, e outras piores, mas qualquer momento é um bom momento para mais uma vez. Simplesmente não me consigo faltar... Apesar dos nossos atributos gerais serem sempre os mesmos, mamas, pénis, vulva, rabo, a variedade sexual não tem fim. Há sempre nuances, formas, cores, cheiros, qualquer coisa de subtilmente diferente. Em tempos experimentei muita coisa, e posso comprovar que nunca se repetia. Nunca exatamente igual, nem sequer com a mesma pessoa. Além disso, a motivação para o sexo também varia. Desde foder para esquecer, para experimentar, ou amor genuíno, vi um pouco de tudo. Também já experimentei sexo só para me fazer o favor o que, naturalmente, não gostei. Ou gostei muito menos, incomparavelmente menos do que em outras vezes. Amigos meus dizem-me que tenho mais experiência do que eles, ou que o sexo é algo difícil de obter. Não percebo exatamente a razão pela qual eles dizem isso. A maioria das mulheres quer e precisa de sexo; a única coisa que temos de fazer é mostrar-lhes disponibilidade. Elas fazem tudo o resto. Elas é que mandam no sexo, em todo o caso. Às vezes até acontecem coisas algo bizarras. Lembro-me uma vez de ter sido levado para casa por umas miúdas, a casa delas, quando se aperceberam que eu estava perdido e não tinha sítio para passar a noite. Estava com um pifo daqueles. Largaram-me no sofá a dormir, mas depois, de madrugada, uma delas levantou-se para me foder, comigo ainda meio grogue e com uma soneira considerável. Eu seria incapaz de fazer isso a uma rapariga, ainda para mais praticamente desconhecida. É só para vocês ficarem com uma ideia do que é possível acontecer, e de como a balança sexual está efetivamente tombada para o lado feminino das coisas. Mas é mesmo assim. Aliás, é suposto ser assim. Note-se que nunca me queixei, antes pelo contrário. No que diz respeito ao sexo, não tenho amor próprio: digam-me onde está a necessidade, e lá estarei para satisfazer. Estou sempre com vontade.

Pessoa #6

Meu Deus, às vezes sinto-me tão velha... Na maior parte do tempo, nem me lembro disso. É só mesmo quando ele cá vem, e por vezes tenho de ser recordada de que está na hora. Digo isto de forma metafórica, claro, mas dá-vos uma ideia do estado caótico em que se encontra esta cabeça. Eu gosto de sexo, atenção... mas há tanta coisa a esvoaçar ao mesmo tempo, os miúdos, a casa, as compras, sei lá, que fico sem cabeça. E depois ainda há o período, enfim... Ele não tem culpa, claro. Ele é quem é, e já o conheço há tanto tempo que dificilmente poderia responsabilizá-lo. Mas, se calhar, estou a maçar-vos com os detalhes da minha inconstante vida sexual. O que é o sexo? Oh pá... não sei ao certo o que é. Mas deveria ser ligação, conexão, assim uma amálgama de corpo, mente e espírito. O sexo como a antítese da obrigação: nele, tudo é voluntário, tudo é intencional. A propósito, o meu mais velho, com doze anos, perguntou-me no outro dia como era o sexo entre um homem e uma mulher. Eles falam de sexo na matéria da escola, mas claro que só lhes dão factos, lá está, da biologia, tipo o pénis entra na vagina, etc. E eu gostava de lhe contar mais...do sexo como algo global, que se faz com o corpo todo. Sexo oral, sexo anal, posições várias e suas diferentes sensações. O sexo que se faz pelo simples gozo de fazer...algo que ele não vai aprender em nenhum livro de biologia. Acabei por lhe dizer que o sexo envolve excitação, e que essa é tão melhor e maior quando as pessoas estão apaixonadas. Fiquei orgulhosa de ter tido a calma e a inspiração suficiente para lhe transmitir algo com significado, em vez de uma banalidade qualquer, como se o sexo fosse uma coisa má, ou que tivesse de ser escondida. Se calhar ainda acrescento que terá havido um sexo antes dos miúdos, e outro depois dos miúdos. Vão-me dizer que é óbvio, mas não se trata apenas da menor frequência, que é o que provavelmente todos os homens irão dizer. É também a qualidade, que se traduz em alterações na intensidade. Senti como se tivesse escalado uma montanha, em particular com o primeiro filho, e vindo parar cá abaixo logo após o seu nascimento. Sexualmente falando, foi como começar de novo. Aquilo é uma violência gigante, as pessoas não têm noção. Mas, por outro lado, quando foi preciso subir à montanha novamente, com o segundo filho, a ascensão foi mais rápida, e a descida a seguir não foi tão íngreme. Ainda assim, o corpo ressentiu-se. Portanto, já não vejo nem sinto o sexo da mesma forma de quando ainda não era mãe, mas acredito que agora não é melhor, nem pior. Apenas algo mais sereno, mais suave. Apesar de toda a confusão que vai nesta cabeça, admito que o pouco sexo que tenho contribui para a minha paz de espírito. É como se os deuses me tivessem prescrito: “Vá, agora toma um pouco

disto, sempre que puderes, e poderás ser feliz”. Eu apenas estou a seguir a receita, confiando e sem questionar muito.

O que é o sucesso/fracasso?

Pessoa #1

Começo por dizer o óbvio, mas acho importante dizê-lo, mesmo assim: é relativo. Para os meus pais, provavelmente, eu terei falhado em todos os capítulos da vida que eles consideram importantes. Não fiz fama nem fortuna, não me casei nem tive filhos. Eles não o exprimem assim explicitamente, mas eu capto os silêncios nos momentos-chave. Por outro lado, posso dizer que já me importei mais com a sua noção de sucesso, passando a concentrar-me mais na minha. Estou a praticar a verdade? Estou a contribuir para a felicidade dos outros? Falo e ajo a partir de um lugar de amor e respeito? Se conseguir responder “Sim” a estas questões, considero que tenho sucesso. Se não, identifico aspetos a melhorar. Porque falhar... falhar é tão pesado. E facilmente descamba em crítica autodestrutiva, e isso não é nada bom para a autoestima. Logo, irá funcionar contra a minha noção de sucesso. A meu ver, há que distinguir bem o sucesso de algo mais superficial como atingir um determinado objetivo. É nesta altura em que alguém invariavelmente pergunta: “Então mas não será que se considera, por definição, um sucesso como tendo atingido determinado objetivo?” Estou em crer que não; não na maior parte dos casos. É que sucesso é algo de profundo, penso, ao contrário de uma noção vulgar de sucesso em que, de facto, se iguala à noção de atingir objetivos. Sucesso será, a meu ver, quando na nossa vida, e tudo o que nela depende de nós, está alinhada com os nossos valores e princípios. É aí que uma pessoa se sente verdadeiramente bem-sucedida. Porque é possível atingir um determinado objetivo, sei lá, deixar de fumar, e ainda assim viver triste. Basta para tal existirem outros problemas, desalinhamentos mais profundos entre o ser e o fazer. Portanto, já vêm, estão a olhar para o falhado mais bem-sucedido da história! O mais engraçado, nesta acessão das coisas, é que uma pessoa de sucesso nem sequer precisa de estar consciente disso. O seu sorriso de felicidade e a sua candura de espírito serão sinais inequívocos de que vive conforme a sua verdade interior. Exteriormente, poderá até ser só trapos. Espíritos nobres e bem-sucedidos podem habitar pessoas de todas as cores, feitios e condições sociais.

Pessoa #2

Esta pergunta deve ter um truque qualquer... Porque cada um define sucesso, ou falhanço, à sua maneira, certo? Houve tempos, e não foi assim há tanto tempo, em que, para mim, já era um sucesso chegar ao fim do mês e ter conseguido pagar as contas todas. Eu sei, a sério, é um bocado degradante, mas quando uma pessoa anda desesperada, sabem, não pensa direito. Isso, aliás, parece que está estudado. A pobreza – e eu posso dizer que tive a sorte de nunca ter sido realmente pobre – só por si, consegue fazer baixar o QI de uma pessoa até 15 pontos. A pobreza é estúpida e torna-nos, literalmente, estúpidos. Eu pensava, nessa altura, que não podia ser pobre, porque senão queria dizer que tinha falhado. Como se a pobreza fosse, não apenas uma falta de dinheiro – logo perda de acesso aos recursos necessários à vida, aqueles transacionáveis com dinheiro – mas uma falta de capacidade para ter sucesso, logo, um falhanço. Nessa circunstância eu iria, portanto, acumular o sofrimento da pobreza com o do falhanço, como se qualquer um deles não fosse suficiente para pôr uma pessoa em baixo. Acho que foi quando tive contacto com pessoas verdadeiramente pobres, e vi como genuinamente tentavam sair do buraco económico para o qual tinham sido atiradas, que percebi como esta vida é tão injusta com certas pessoas. Não é o falhanço delas, é o falhanço de toda uma sociedade, da qual também faço parte... Agora vejo as coisas de maneira diferente. Não que esteja muito melhor do ponto de vista financeiro, mas sucesso para mim, agora, significa estar um pouco mais perto do que eu verdadeiramente quero. O problema é que nem todos os dias eu sinto que, efetivamente, me esteja a aproximar desse objetivo. Eu sei, pela minha própria argumentação, deveria então concluir que nesses dias terei falhado. Eh pá, mas uma pessoa tem direito a ter esperança, não é? Quero acreditar que estou a tender para o sucesso, e não para o fracasso. Se calhar estou a iludir-me, mas também o que será desta realidade sem o sonho?

Pessoa #3

É caso para dizer: com o sucesso dos outros posso eu bem! Eu gostava, no entanto, de poder ter sucesso à minha medida. Sim, porque hão de outras pessoas conseguir e eu não? Acho isso muito injusto. Obter satisfação no trabalho, ser devidamente remunerada, ter relações positivas e gratificantes. Estarei a pedir muito? Mas é o que quero, e devia poder ter sucesso nessas coisas. Porque acho que tenho esse direito. Não compreendo porque razão o mundo é tão generoso com umas pessoas e para outras não... Todas as pessoas deveriam ter a possibilidade de ter sucesso na vida! Por exemplo, porque razão não poderei eu viver numa casa no sítio da minha escolha, com a área e configuração que eu quiser? Com tanta casa que há por aí, parece inconcebível que não possa viver numa (só uma!) que me agrade. No trabalho, a mesma coisa. Com tanta empresa, tanto emprego e coisas para fazer, como é que não consigo encontrar algo ideal para mim? Há sempre qualquer coisa que não bate certo... Mas se calhar sou eu, sempre à procura do sucesso em todas as coisas. Às vezes paro e penso que, provavelmente, este é um problema meu, por me custar a aceitar que o mundo não foi feito para mim, com o objetivo de me satisfazer. Outras vezes invade-me a raiva e um sentimento de injustiça, por não conseguir viver conforme a minha vontade, já que isso é concedido a outras pessoas. Ou terei eu feito mal a alguém? Porque eu tento...eu tento realmente: não posso acreditar que seja tudo um esforço em vão, como se de alguma forma estivesse destinada ao falhanço. Faço sempre o meu melhor, onde quer que vá, mas parece que nunca é suficiente. E é tentador, de facto, pensar que sou eu, pelo meu fracasso, que não consigo suceder nas coisas que são importantes para mim. Mas algo me diz que o jogo está viciado, não sendo mesmo suposto mais ninguém, salvo uma elite minúscula, conseguir realmente o que quer. Por outro lado, poderei eu estar a querer coisas a mais? Terei eu, realmente, necessidade de tanto? O que é mais importante para mim? Não sei, a sério... Já vêm que nada disto está fixo, nada está definido. Nem eu sei bem o que realmente preciso...mas hei de descobrir.

Pessoa #4

Acho que é impossível separar o nosso sucesso do de outras pessoas. Afinal, como o atingimos? Sozinhos? Não há pessoas verdadeiramente sozinhas no mundo. Há quem pretenda estar completamente só, mas se o consegue em permanência é porque algo não está bem. Os nossos sucessos são partilhados. Tanto no sentido de os atingirmos, como no de os comunicarmos. Se eu tiver sucesso no meu emprego, será que isso se poderá atribuir apenas a mim? Não será também porque o ambiente profissional, ou seja, a gerência da empresa, os colegas e os clientes dessa empresa são favoráveis a que isso aconteça? E aos meus professores e condições escolares, por me terem estimulado e permitido aprender o que precisava para atingir esse sucesso? Até à minha família e amigos – ou, se calhar, esses em especial – por me darem o amor e a segurança que preciso para manter a minha sanidade mental e paz de espírito? E, depois, também queremos mostrar os nossos sucessos. Excluindo agora situações de puro exibicionismo, o que é sempre patológico, todas as pessoas querem genuinamente mostrar a sua contribuição. Vejo isso nos meus miúdos, e nos miúdos em geral: “Pai, pai, olha o que fiz”, “Pai, mãe, vejam isto que consegui fazer”, são apelos constantes. Isto não há volta a dar, estamos geneticamente codificados para precisar uns dos outros. Somos como unha e carne. Nos adultos, o fenómeno é idêntico, embora de forma menos óbvia, ainda que claríssima para qualquer um que se digne a olhar com olhos de ver: os constantes “posts” no Facebook, as incontornáveis conversas sobre o trabalho, as compras, ou mesmo namorados e namoradas, presentes ou passados. Não sou exceção, claro. Sinto logo vontade de contar a alguém sempre que a vida me corre bem, se achar que tive sucesso em alguma coisa. Já quando as coisas me correm mal... não sinto alegria, mas curiosamente não menos vontade de partilhar. Parece que tudo se amplifica e ganha mais significado se for partilhado, nem que seja só com uma outra pessoa. O sucesso, entre os humanos, é uma coisa social, e sempre há de ser.

Pessoa #5

Às vezes sinto-me pressionado pela perfeição. Indiretamente, outras pessoas, e eu próprio, exercem pressão para que tudo corra bem, para que tudo bata certo e funcione. Como se o sucesso fosse essa perfeição que tanta gente quer, mas não ousa professar. No entanto, em silêncio, exigem-na. Eu, infelizmente, e para mal dos meus pecados, também o faço por vezes. Cedo, temporariamente, sob essa pressão para conseguir, para atingir resultados... para ser perfeito, em suma. Aí, claro, é certo o falhanço, já que a barra não podia estar mais alta, portanto qualquer salto nunca será suficiente para a ultrapassar. Esta obsessão pelo sucesso traduz-se, também, numa variante da perfeição: “Não podes falhar”. Como se o fracasso fosse proibido neste Universo. Olhando para a minha vida, no entanto, vejo que tem sido ao contrário. Paradoxalmente, foi a falhar que mais consegui dar passos em frente, ou seja, que acabei tendo sucesso. Eu era imaturo, não lidava bem com os meus próprios sentimentos, até poderei dizer que era irresponsável. Foi caindo ao charco e acordar um dia para perceber que, emocionalmente falando, eu era uma criança grande. Irritava-me com facilidade, era inseguro. Embora continuasse a sair com mulheres, tinha medo de me entregar emocionalmente. Foi preciso o amor espetar-se à minha frente, cru e implacável, para que eu despertasse do torpor e compreendesse que o sucesso não tem nada a ver com a acumulação de namoradas, mas com a libertação emocional, partilha e capacidade de entrega. Não terá sido suficiente, no entanto, para afastar por completo o espectro da perfeição já que, de uma forma ou de outra, as pessoas trazem os seus preconceitos para as relações. Mas sinto que agora lido melhor com isso, e isso, por si só, já é um sucesso. Esse facto mudou também a minha perceção e reação quanto a esses preconceitos, pois agora sei que não são falhas minhas. Porque eu faço o que posso, a sério que faço. O que me ocorre, muitas vezes aliás, é que devia fazer menos, não mais. Devíamos todos fazer menos. Pensar menos. Exigir menos. Todos nos sentiríamos melhor relativamente ao que fazemos, e menor seria a pressão para ter sucesso, porque cada um veria com melhor nitidez os seus próprios defeitos. Ter noção das próprias falhas é o que precisamos fazer para reconhecer os sucessos nos outros, enquanto seres errantes.

Pessoa #6

Sinto que já não sei nada. Há dias em que chego ao fim do dia esgotada, e penso: ufa, consegui. Levantei-me, tratei dos miúdos, fui trabalhar, voltei, levei os miúdos às atividades, fiz o jantar, arrumei, limpei, meti os miúdos na cama, arrastei-me para a minha cama e colapsei. Mas...o que terei conseguido, realmente? Talvez adiar o inevitável por mais um dia. Perguntam-me sobre o sucesso, mas como poderei eu saber o que é isso, se me limito a manter esta máquina a funcionar? Ou será isso o sucesso? Não deve ser, caso contrário não sentia esta frustração, nem esta sensação de vazio. Quero muito, por outro lado, que os miúdos tenham sucesso na sua vida. Talvez por isso eu seja, por vezes, tão chata com eles. A sério que não é por mal, e só espero que eles me consigam perdoar, mas vivo com medo que não venham a singrar...e por minha culpa, ainda por cima. Sinto-me responsável pelo seu futuro. Como se o sucesso deles fosse, de alguma forma, o meu sucesso. Mas e eu, não é? Onde está o meu sucesso, o meu apenas, aquele exclusivamente ligado a mim? Pois...não sei onde está. Os meus pais diriam que não: que consegui tirar um curso superior, que casei, que tive dois belos filhos, que arranjei e mantive um bom emprego na minha área de formação. Para eles, sou o arquétipo do sucesso. Também não se pode dizer que tivessem a expectativa de eu vir a ser um Bill Gates, ou assim. Portanto, do seu ponto de vista, correu tudo cinco estrelas com a minha vida. Por outro lado, lá está, o meu sucesso tenho de ser eu a definir. Senão não será o meu sucesso, mas o sucesso segundo uma outra pessoa qualquer, transposto para mim. No entanto, sinto-me tão constrangida... Mas não posso simplesmente abandonar os miúdos – nem quero, Jesus Credo – nem me despedir do emprego, não é? Aí deitaria quaisquer hipóteses de sucesso por água abaixo. Se calhar sou mais parecida com os meus pais do que pensava...estão a ver porque é que digo que já não sei nada?